

O (DES)CENTRAMENTO DE UMA AUTORA AFROCENTRADA

THE (DE)CENTRALIZATION OF AN AFROCENTRED AUTHORES

Luana Isabel Silva de Assis¹

Nayla Rodrihero Lima Pedroso Ricardo²

RESUMO

Este texto apresenta uma discussão acerca da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus. O objetivo da pesquisa é a análise desse diário no campo da afrocentricidade, pois Carolina de Jesus possui uma visão afrocentrada sobre sua própria vida ao demonstrar resistência diante dos processos de aniquilação de sua pessoa humana, por ser negra, pobre e moradora de favela. Além disso, se coloca como afrocentrada ao se autoafirmar enquanto escritora e por seus posicionamentos políticos e críticos. Se nesse paradigma Carolina de Jesus é centrada, ou seja, está em compromisso com seus próprios interesses e com o histórico de luta e resistência de seus ancestrais, no percurso da historiografia e crítica literária brasileira a escritora é uma narradora descentrada, uma vez que não faz parte dos campos dominantes da sociedade. O histórico de exclusão e exploração dos negros e o racismo estrutural que se consolidou nas sociedades contemporâneas são a base para entender o descentramento e a importância da afrocentricidade da escritora para a história do Brasil e para a literatura brasileira. A metodologia utilizada foi a bibliográfica, principalmente a partir dos pressupostos teóricos de Molefi Kete Asante (2009) e outros pesquisadores dos estudos afrocentrados. E, também, de estudos nos campos da cultura, da narrativa, e do racismo.

Palavras-chave: Afrocentricidade. Descentramento. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada.

ABSTRACT

This paper presents a discussion about the work *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960), by Carolina Maria de Jesus. The objective of the research is the analysis of this diary in the field of Afrocentricity, because Carolina de Jesus has an Afrocentric view of her own life by demonstrating resistance to the processes of annihilation of her human person, for being black, poor and a slum dweller. In addition, she positions herself as Afrocentric by asserting herself as a writer and by her political and critical positions. If in this paradigm Carolina de Jesus is centered, that is, she is committed to her own interests and to her ancestors' history of struggle and resistance, in the course of Brazilian literary historiography and criticism the

¹ Mestrado em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Especialista em Educação, Cultura e Linguagens pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA), Licenciada em Letras: Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora na Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail: luanaisabel@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Mestrado em Letras: Linguagens e Representações pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Especialização lato sensu em Letras: Leitura, Interpretação e Produção de Textos (FACSUL) e Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA). E-mail: nayla.ifba@gmail.com.

writer is a decentered narrator, since she is not part of the dominant fields of society. The history of exclusion and exploitation of black people and the structural racism that has been consolidated in contemporary societies are the basis for understanding the decentralization and the importance of the writer's Afrocentricity for the history of Brazil and for Brazilian literature. The methodology used was bibliographic, mainly based on the theoretical assumptions of Molefi Kete Asante (2009) and other researchers of Afrocentric studies. And, also, studies in the fields of culture, narrative, and racism.

Keywords: Afrocentricity. Decentralization. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada.

1. INTRODUÇÃO

O livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada foi um marco em sua época de publicação, na década de 1960. Além da força do relato, o perfil da autora não deixou de ser um dos motivos de interesse em relação à sua obra. Afinal, Carolina Maria de Jesus (1914-1977) era mulher negra, moradora de favela, ensino básico incompleto e catadora de materiais recicláveis, que demonstrou força narrativa ao retratar as dificuldades que passava na favela do Canindé, em São Paulo, nos anos de 1950.

Para além das complexas temáticas que surgem no diário, o seu trabalho com a linguagem para retratar uma vida pautada pela negatividade é ponto forte. O fascínio por sua vida e obra não ocorreu apenas porque ela rompeu com os valores canônicos da historiografia e da crítica literária, ao ser narradora e protagonista de sua própria história, que em *Quarto de despejo* ganha um viés literário, mas, principalmente, enquanto produtora de literatura. E, apesar de não imaginar o sucesso de seu livro, a escritora tinha um projeto literário e sabia que estava lidando com a arte.

Quarto de despejo foi traduzido em 16 línguas e foram vendidos por volta de 3 milhões de exemplares. Além do sucesso com a crítica, artistas e público em geral, sua obra tornou-se inspiração para outras escrituras³. Sendo assim, essa pesquisa justifica-se, pois considera que esse livro tem um papel representativo na história da literatura brasileira e da literatura negro-brasileira e as complexidades vividas por Carolina de Jesus continuam atuais. A primeira escritora negra a fazer sucesso internacionalmente e uma das mais lidas no Brasil, ganhou em fevereiro de

³ Escrivência é um termo utilizado pela escritora brasileira Conceição Evaristo como marca de sua literatura, que é comprometida, com as subjetividades e vivências das mulheres negras que enfrentam as condições impostas pelo racismo.

2021 o título de doutor honoris causa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que reconhece a sua importância.

É um olhar sobre a história do Brasil e da maior cidade da América Latina, São Paulo, com o protagonismo de uma mulher negra e moradora da favela. Mas, para além desse aspecto, que também é relevante, há a importância das marcas afrocêntricas de sua escrita, essas evidenciam que a história e a cultura da diáspora africana fazem parte da formação de seu pensamento crítico.

Sendo assim, esse texto pensa em Carolina de Jesus e em suas potências a partir da ideia afrocêntrica e das visões afrocentradas que a escritora tem sobre si. Molefi Kete Asante (2009), que desenvolveu a afrocentricidade enquanto paradigma de pesquisas acadêmicas, afirma que o conceito coloca o africano como sujeito e agente de sua própria imagem e de seus próprios interesses. A partir desse estudo sobre o conceito de afrocentricidade e a concepção de africano desenvolvidos por Asante (2009) surgiram as seguintes indagações: Podemos analisar o diário de Carolina de Jesus na perspectiva da afrocentricidade? E se esse conceito defende a agência dos africanos, abarcaria a produção da escritora brasileira? Uma vez que esta é afrodescendente, mas não nasceu em África.

Asante (2009) instrui que na perspectiva dos estudos afrocentrados o africano é o sujeito que não necessariamente nasceu ou está em África, mas aquele que conscientemente está comprometido com a cultura africana e/ou com o histórico de luta e resistência de seus ancestrais, diante das constantes tentativas de exclusão dos povos africanos.

Dessa forma, entende-se que Carolina de Jesus e sua escrita são afrocentradas. E a sua consciência em relação a arte enquanto resistência foi construída ao longo de sua trajetória de vida, diferente de outros escritores formados nas academias que se debruçam sobre estudos, conceitos e trazem novas leituras sobre a história dos africanos sem colocá-los à margem de sua própria existência. Assim, o objetivo principal é analisar qual a visão afrocentrada da escritora em relação a sua própria vida. O modo e a escolha de escrita já demonstram uma relação direta da visão do protagonismo de si.

A metodologia utilizada foi a bibliográfica, concentrada em leituras da obra e seleção de algumas das passagens que apresentam a visão afrocentrada da escritora, além de outros aspectos que levantam discussões sobre racismo estrutural, narrativa

fragmentada e pautada pela negatividade e pelo descentramento, essas questões foram, também, o foco das leituras teóricas.

As discussões estão em torno de dois eixos, o foco nos elementos afrocentrados da escrita de Carolina de Jesus e a discussão/evidência de um texto completamente imerso e conectado com elementos culturais africanos, de uma escrita de si afrocentrada. E a análise do papel de Carolina de Jesus enquanto uma narradora descentrada, ou seja, está deslocada dos campos dominantes na história social formados por indivíduos, grupos, ideologias que propõem a exclusão social, política e econômica das minorias.

A condição de vida da escritora, mesmo após o sucesso de *Quarto de despejo*, está calcada no racismo estrutural presente nas intuições e que se refletem nas atitudes individuais e coletivas dos indivíduos. Carolina de Jesus conseguiu a sua primeira publicação através da mediação do jornalista Audálio Dantas, assim como outros artistas negros na história, a autoria ou a importância de sua arte foi questionada como se uma mulher negra e pobre não tivesse a capacidade de escrever narrativas, poesias, peças e mostrar força criativa.

Na primeira parte desse texto constam as características principais para a compreensão do conceito de afrocentricidade e a ideia de pensar no diário *Quarto de despejo*: diário de uma favelada na perspectiva desse paradigma de pesquisa acadêmica, e em Carolina de Jesus como uma escritora afrocentrada, já que foi a protagonista de sua própria história. Ela está na margem, mas não se colocou à margem.

Na subseção, Outros conceitos, há uma breve discussão, com base nos pressupostos teóricos de Roque Laraia (2001) sobre a relação dos indivíduos com a sua cultura e como o conhecimento dos aspectos desta é importante para que possa ocorrer uma articulação com os demais membros e setores da sociedade. De forma breve, também abordamos sobre as concepções do racismo debatidas por Silvio Almeida (2018), pois Carolina de Jesus esbarrava-se no racismo estrutural em todos os espaços.

Também estão destacadas as considerações de Jaime Ginzburg sobre os narradores descentrados que surgiram com ímpeto na literatura brasileira a partir dos anos 1960 e como esses narradores ou personagens trazem à tona temas complexos,

e que desestruturam a forma tradicional da narrativa, de início, meio e fim, com um conflito que será resolvido no final.

Relatos e narrativas como as de Carolina de Jesus são pautadas pela negatividade, ela não tem controle sobre o cansaço que o trabalho de catadora lhe causa, a ausência parental de seus filhos, a falta de políticas públicas que defendam uma vida digna para as periferias, a violência que sofre na cidade e na favela, a negativa em relação à sua arte e, por fim, não tem controle sobre a fome. Nas seções finais, apresentam-se as discussões e os resultados da pesquisa e as considerações finais.

2. A AFROCENTRICIDADE

O conceito de afrocentricidade foi pensado e elaborado pelo cientista e filósofo Molefi Kete Asante, em 1980, com a publicação de *Afrocentricidade: a teoria de mudança social* e passou a ser paradigma de trabalho acadêmico no final do século XX. Porém, essa abordagem centrada no sujeito africano já estava em percurso enquanto modo de pensamento e orientação para investigação, com movimentos como o Pan-africanismo (Finch; Nascimento, 2001, p.38).

Por volta do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, nos Estados Unidos, movimentos estudantis organizavam-se contra guerras e políticas raciais, como o apartheid na África do Sul que excluía os negros da vida social e política, ocorriam julgamentos de políticos ativistas e movimentos em favor de direitos civis e ações afirmativas. Nesse contexto, intelectuais negros lutavam por um espaço acadêmico em que pudessem exercer o seu trabalho na área dos Estudos Africanos. Situação que gerou conflitos, pois os estudiosos brancos não queriam perder o controle do pensamento histórico e social do povo africano.

De acordo com Fernando e Reis (2018) as críticas ao movimento Pan-africanista e, também, ao movimento Negritude, estão voltadas para a questão dessas organizações pensarem a constituição de uma identidade africana e afrodiaspórica a partir da solidariedade racial e da história comum. No entanto, essas duas pautas não produzem os efeitos necessários para a construção de uma identidade negra afrocêntrica, uma vez que esse processo deve ser observado em níveis individuais e coletivos e que a colonização não ocorreu apenas no continente africano.

Segundo Ama Mazama (2009, p.111-112), a essência da ideia afrocêntrica é a atuação autoconsciente dos africanos e se autodefinindo de forma positiva e assertiva tendo como referência a sua cultura. Além da escravização, matança e aprisionamento no período de colonização, a supremacia branca apresentou-se em forma de processo social e econômico quando os europeus em função de seus interesses apropriam-se da terra e do trabalho de africanos. E pode, também, ser um processo mental porque a Europa forjou a identidade e distorceu a imagem dos africanos definindo-os como o oposto negativo de sua universalidade, naturalidade e civilidade.

Elisa Nascimento (2009, p. 191) afirma que o afrocentrista analisa se o africano ou o afrodescendente estão em um lugar centrado na sua própria experiência, e utiliza os métodos, critérios e fundamentos da abordagem afrocentrada. Ainda dentro da concepção inicial do pensamento sobre os africanos enquanto sujeitos e agentes, a pesquisadora acrescenta que o paradigma afrocêntrico surgiu em resposta a manipulação e a supremacia branca, sendo a libertação dos africanos o resultado final esperado.

O afrocentrista não desconsidera que um sujeito articule a sua identidade a partir de um centro europeu, mas coloca-se contra a dominação hegemônica do eurocentrismo, que ao se pensar superior e universal, impõe a sua cultura a outros povos, cria um consenso implícito e subjetivo que sustenta a dominação dos brancos.

O pensamento afrocêntrico se configura em um ato de resistência e está ligado à luta contra a apropriação exclusiva da história por Europa e Estados Unidos. Outras duas vertentes da afrocentricidade são uma visão epistemológica ligada à resistência das tradições ancestrais e da religiosidade e a produção acadêmica de afrocentristas na língua e no discurso ocidental.

Dessa forma, temos o pensamento afrocentrado em sua linguagem original com base nas tradições africanas e, por outro lado, autores se apropriaram dos mecanismos da academia ocidental para neste espaço apresentar discussões originais. Finch e Nascimento (2001) destacam uma problemática na segunda vertente, pois o distanciamento dos pesquisadores afrodescendentes de suas matrizes culturais originais e a formação em instituições ocidentais, pode levá-los a ter um discurso eurocentrista em relação à sua cultura original:

Mas a abordagem afrocentrada vem evoluindo sempre no sentido de incorporar progressivamente, além das obras elaboradas na tradição ocidental, a ética e a filosofia ancestrais e a produção de conhecimento por africanos no seu próprio contexto de vida, antes e/ou independentemente do domínio colonial e escravista mercantil. Durante milênios, as civilizações clássicas africanas estiveram entre os principais elaboradores do conhecimento humano. Uma missão da abordagem afrocentrada recente é desvelar e estudar essa produção, negada e escamoteada por um Ocidente que se autodenominou o único dono da ciência. Outra missão é levantar, estudar e articular as bases teóricas e epistemológicas das expressões atuais da matriz africana de conhecimento, como a filosofia religiosa tradicional. A característica principal e o foco central dessas duas missões é a agência dos africanos na própria narrativa. (Finch; Nascimento, 2001, p. 41- 42)

Ao abordar o conceito de agência, Asante (2009) aponta que agente no paradigma afrocentrado é um indivíduo que consegue agir de forma independente em relação aos seus interesses. O que o teórico propõe como agência é a capacidade de utilizar recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana. Asante (2009) destaca a importância do conceito de agência em oposição ao de desagência no contexto da afrocentricidade, logo, em situações de opressão, repressão racial, falta de liberdade, ou em demais eventos que retirem o africano de sua posição de protagonista em seu próprio território.

Além do pressuposto básico de conscientização africana e do conceito de agência, Asante (2009) apresenta as características mínimas para um projeto afrocêntrico: O interesse pela localização psicológica; o compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; a defesa dos elementos culturais africanos; o compromisso com o refinamento léxico; o compromisso com uma nova narrativa da história da África.

A primeira característica, interesse pela localização psicológica, refere-se ao fato de o africano estar centralizado ou não em sua própria história. Quando a pessoa está descentralizada acaba operando de um lugar cultural, histórico ou individual com base em experiências do opressor ou da cultura dominante.

A segunda característica, compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito, busca situar uma pessoa, uma ideia e um conceito africanos enquanto protagonistas em eventos, textos e atividades, levando em conta que isso perpassa pela fragmentação e pelas várias identidades, algumas vezes contraditórias.

A terceira característica, defesa dos elementos culturais africanos, enfatiza que a agência africana está relacionada com a valorização de criatividade e de criações africanas:

O afrocentrista está preocupado em proteger e defender os valores e elementos culturais africanos como parte do projeto humano. Não se pode assumir uma orientação voltada para a agência africana sem respeitar a dimensão criativa da personalidade africana e dar um lugar a ela. (Asante, 2009, p.97)

Já a quarta característica, compromisso com o refinamento léxico, aborda a importância do léxico utilizado na realidade africana estar ligado às ideias e aos sentidos africanos e não à cultura dominante, que também utilizou a linguagem para negar a agência dos africanos. “Desse modo, o afrocentrista autêntico busca livrar-se da linguagem de negação dos africanos como agentes na esfera da história da própria África” (Asante, 2009, p.99).

A quinta característica mínima, compromisso com uma nova narrativa da história da África, defende que pesquisas e estudos afrocentrados tragam intervenções contra a hegemonia europeia em relação à origem da civilização e ao lugar de inferioridade e negação em que os países africanos foram colocados.

O fato de o Ocidente utilizar-se de mecanismos para se afirmar como cultura hegemônica, não ficou apenas no campo da marginalização de outras culturas, mas tratou-se do apagamento de outras identidades, dentre elas a do indivíduo africano. Ao compreender esse processo, o africano pode manter-se atento e procurar fugir das tentativas de exclusão.

Existem discordâncias em relação às questões históricas e filosóficas entre os pesquisadores do conceito de afrocentricidade. Isso ocorre porque alguns estudiosos pensam o conceito enquanto uma versão negra do eurocentrismo, ou seja, o paradigma pensa a cultura africana como universal, e a universalidade por ser arbitrária e ideológica, nega outras histórias e cria disparidades raciais, econômicas, intelectuais e políticas (Fernandes; Reis, 2018).

Por outro lado, outros pesquisadores pensam o conceito enquanto a centralidade de África para os sujeitos que vivem no continente e para os diaspóricos. Essa teoria tem como expectativa ideológica a libertação dos africanos por meio de agências negras no mundo. Trata-se também de uma retomada do lugar psicológico,

cultural, histórico ou individual dos africanos, pois esse lugar foi tomado pelo eurocentrismo e pelo colonialismo (Fernandes; Reis, 2018).

As reflexões sobre a escrita afrocentrada de Carolina de Jesus em *Quarto de despejo* baseiam-se nesse último aspecto histórico-filosófico que articula o conceito de afrocentricidade com a agência dos negros em todo o mundo. A história e a cultura africanas não podem deixar de ser o centro para os negros que vivem no continente ou em diáspora. Sem desprezar que as diversas agências e subjetividades estão pautadas pelo multiculturalismo e pelas diferenças.

E pensando a diáspora, a literatura negro-brasileira pensa nessa recolocação do negro na história, cultura e literatura a partir de uma rasura nos paradigmas estéticos e ideológicos:

A literatura negro-brasileira nasce na e da produção negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branca que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro”. (Cutí, 2010, p. 44-45)

Para Cutí (2010), a substituição do termo afro por negro, não desvincula a nossa literatura de suas matrizes africanas. O que se pretende é a afirmação dos autores negros brasileiros. Essa literatura que recupera aspectos da tradição histórico-cultural de origem africana, mas que também está direcionada para as questões do negro na sociedade brasileira, para a situação dos negros em um país fundado na escravidão.

3. OUTROS CONCEITOS

De acordo com Roque Laraia (2001) o comportamento dos indivíduos está atrelado a um processo de aprendizagem, a capacidade ilimitada de obter conhecimento que chamamos de endoculturação. Fundamentado em diversas observações, o pesquisador afirma que as diferenças entre os indivíduos não podem

ser restritamente pensadas em torno das limitações que lhes são impostas pelo aparato biológico ou pelo meio ambiente.

A nossa forma de ver o mundo, nossas aceções sobre moralidade e valores, posturas corporais, entre outros fatos são produtos de uma herança cultural. Numa perspectiva macro, ou seja, da Europa em relação aos demais continentes, o etnocentrismo determina a sua cultura como a correta, a natural. Mas internamente, dentro das diversas sociedades, a visão etnocêntrica faz com que certos grupos se coloquem como o centro.

Todo o indivíduo participa de sua cultura de forma limitada, logo não consegue dominar todos os seus aspectos. No entanto, o mínimo de participação nas diversas pautas de conhecimento de uma cultura pode possibilitar a articulação com os demais membros da sociedade, e, além disso, a compreensão do contexto histórico e social.

É importante nesse processo de conhecimento de sua cultura ou de outras, entender que a mesma é dinâmica e está sempre mudando. Com a leitura de alguns clássicos da literatura brasileira, observa-se como modificaram-se os costumes, as diretrizes, como as cidades estão evoluídas e modernizadas, mas alguns aspectos não acompanharam esse movimento de evolução. Por exemplo, *Quarto de despejo* foi publicado em 1960 e as indagações de Carolina de Jesus durante os anos de 1950 sobre a extrema desigualdade social, a ausência dos poderes públicos, a fome, o racismo não deixaram de ser uma realidade para a população negra e pobre.

O racismo é a discriminação contra um grupo étnico e por meio de comportamentos conscientes ou inconscientes os indivíduos estão em posição de desvantagem em relação aos outros grupos étnicos, além de serem alvo de diversos tipos de violência. Silvio Almeida (2018) aponta três concepções de racismo: individualista, institucional e estrutural.

O pesquisador critica a concepção individualista, pois a considera frágil e limitada ao relacionar o racismo com práticas individuais ou coletivas de forma isolada. Assim, essa visão aborda de forma rasa, como desvios de comportamento e sem contextualização histórica e reflexões necessárias para um problema que está na base das sociedades e das instituições.

A concepção institucional significou um avanço, pois esta visão compreende que é a partir das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos. As instituições são dominadas por homens brancos que utilizam esse espaço de poder e

de dominação para manter a sua hegemonia e impor seus interesses políticos e econômicos, sendo assim o racismo faz parte dessas instituições que orientam e coordenam os comportamentos sociais. Por fim, o racismo é fruto de uma estrutura social racista, ou seja, todas as relações, sejam elas políticas, econômicas, jurídicas, familiares estão pautadas em um modus operandi que normatiza as ações racistas individuais e institucionais (Almeida, 2018).

Uma análise da narrativa de Carolina de Jesus não pode perder-se em ideias de resiliência ou superação. Até mesmo porque a escritora não se colocou assim diante da vida. Ela deixa claro, que enquanto mulher negra e pobre foi injustiçada, pois o que não lhe foi negado, direito à moradia e à alimentação adequadas, ao estudo, etc.; foi difícil de atingir, como o trabalho com a sua arte.

A teoria da narrativa está pautada em duas linhas de pensamento, a narrativa como algo universal, que possui uma essência determinante do modo básico a ser seguido. A outra perspectiva não é essencialista, a narrativa é uma forma que passa por mutações condicionadas as transformações históricas e sociais, esses fatores são essenciais para compreender como ela se constituiu no passado e na contemporaneidade (Ginzburg, 2013).

A contribuição mais recente sobre teoria da narrativa é a de Paul Ricoeur⁴ (1913-2005), com pauta filosófica, parte de uma compreensão pós-existencialista e pós-marxista. A existência seria um conjunto de episódios casuais que ocorrem sem o nosso controle e podem causar diversos impactos positivos ou negativos. Quando esses episódios se tornam isolados, a nossa compreensão sobre a vida é de que esta não faz mais sentido, não possui valor e nem a possibilidade de alcançar a realização pessoal (Ginzburg, 2013)⁵.

Isso ocorre, pois concatenamos essas ocorrências seguindo um princípio lógico de causa e efeito, se alguém interpretar as nossas experiências e narrativas sem um compromisso com a ideia do sentido que elas fazem para nossas vidas, utilizando estereótipos e preconceitos, serão estabelecidas situações de mal-entendido, calúnia, etc. A teoria de Paul Ricoeur possibilita perceber como na contemporaneidade nossas

⁴ O filósofo francês apresenta discussões e reflexões em torno da narrativa nos três volumes da obra *Tempo e narrativa* (1983-1985).

⁵ Palestra do prof. Dr. Jaime Ginzburg, que falou sobre o tema abordado em seu livro "Literatura, Violência e Melancolia", Grupo de Estudos de Novas Narrativas/GÉNN.

narrativas foram tomadas por uma tensão entre o esforço para que o nosso discurso faça sentido para nós mesmos e o esforço dos outros indivíduos em nos desafiar e propor alternativas, benéficas ou prejudiciais, para o que pensamos sobre as nossas experiências (Ginzburg, 2013).

Em pesquisa anterior, abordei sobre narradores e/ou personagens em parte ou totalmente descentrados no sentido de deslocamento para a margem das relações sociais de uma determinada região. Com a presente pesquisa também diálogo com o que Jaime Ginzburg (2012) define como “narradores descentrados”, aqueles que estão fora dos campos dominantes na história social:

[...] na contemporaneidade, haveria uma presença recorrente de narradores descentrados. O centro, nesse caso, é entendido como um conjunto de campos dominantes na história social – a política conservadora, a cultura patriarcal, o autoritarismo de Estado, a repressão continuada, a defesa de ideologias voltadas para o machismo, o racismo, a pureza étnica, a heteronormatividade, a desigualdade econômica, entre outros. O descentramento seria compreendido como um conjunto de forças voltadas contra a exclusão social, política e econômica. (Ginzburg, 2012, p. 201)

A partir de 1960 surgiram obras que exigiram diferentes perspectivas de análise e interpretação, pois trazem temas que são socialmente complexos. Os protagonistas ou narradores não fazem parte do grupo que representa os valores da cultura patriarcal, homens brancos que por questões econômicas e de prestígio mantêm normas e regras. Essas outras histórias concedem voz a sujeitos que historicamente foram silenciados ou ignorados.

Outra questão apontada em relação a narrativa brasileira contemporânea é que muitas histórias são pautadas pela negatividade, as personagens não têm o controle sobre as suas limitações e dificuldades. Para além dos temas é um processo de construção de linguagem e o seu significado político e crítico. O teórico ainda destaca que essas escritas contemporâneas são de difícil encaixe nas categorias de gêneros literários tradicionais, o que abre a possibilidade para um hibridismo de gêneros, para uma fusão entre o literário e o não literário, caso dos testemunhos, diários, etc.

Essas considerações em relação ao papel do narrador são importantes para uma leitura crítica de *Quarto de despejo*, a narrativa é fragmentada cronologicamente e em relação à organização dos acontecimentos. Os temas são socialmente

complexos, mas a linguagem não foi construída por um escritor que possui um determinado lugar de prestígio e, desse lugar, busca trazer uma abordagem da história, da humanidade e das relações humanas na perspectiva das minorias e de situações que causam traumas físicos e psicológicos.

As violências e dificuldades vividas por Carolina de Jesus são baseadas no racismo estrutural presente na sociedade brasileira. A escritora está na favela, na margem e, por isso, poderia estar isolada fisicamente ou ideologicamente de outros espaços da estrutura social da cidade de São Paulo. Uma vez que seu meio e sua condição socioeconômica lhe impõem muitas limitações. No entanto, Carolina de Jesus se articula com diversos membros da sociedade, seus vizinhos e pessoas de outros grupos, isso acontece em seu dia a dia e através de sua escrita quando coloca em pauta questões políticas e críticas sociais.

4. UMA ESCRITA AFROCENTRADA

[...] não me peça para silenciar, não me peça para morrer calado. Não é por 'eles'. É por mim, meu espírito pede isso. E está no comando. Respeite, ou saia. Não veja, não escute. Não tente controlar o vento. Não pense que a fúria da luta contra as opressões possa ser controlada [...]. (Chico César, 2021)

Carolina Maria de Jesus apresenta em sua obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada uma visão afrocentrada sobre a sua vida, sobre a vida das pessoas na favela e sobre os contextos políticos e sociais de seu país. Pode-se considerar que esse livro é um importante documento histórico, literário e cultural sobre a história do Brasil.

Quarto de despejo é uma compilação de vários diários de Carolina de Jesus. Audálio Dantas realizou cortes, selecionou os trechos que considerou mais significativos e efetuou outros processos de edição. Os relatos estão organizados da seguinte forma: julho de 1955, de maio a dezembro de 1958, de janeiro a dezembro de 1959, e o último trecho é de janeiro de 1960. Não há relatos dos anos de 1956 e 1957. “2 de maio de 1958: Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo” (De Jesus, 2014, p.28).

Não é o fato de a escritora de *Quarto de despejo* ser afrodescendente que a inclui diretamente no campo da afrocentricidade, nem o fato de ser brasileira excluí-la. Em *Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar* (2009, p. 102), Asante, afirma que não é simplesmente, o sangue, os genes ou o fato de a pessoa residir em África que a torna africana, mas a conscientização, a conexão interna ou externa com seus ancestrais, e além disso a sua participação no processo de resistência à dominação europeia.

De acordo com Fernando e Reis (2018, p. 114), “A síntese da afrocentricidade no mundo remete o pensar afrocêntrico às dificuldades reais enfrentadas pelos negros em todo o mundo”. Sendo assim, a afrocentricidade de Carolina de Jesus apresenta-se por algumas perspectivas, o cunho político-ideológico de seus relatos, a forma como se coloca enquanto mulher, negra e periférica e enquanto sujeito politizado a favor das minorias. Além de ter consciência do espaço de voz e de denúncia que a escrita lhe permite, também demonstra que a sua revolta contra as opressões que vive e observa é algo que não pode ser controlado.

Enquanto escritora, Carolina de Jesus apresentou força narrativa ao expor as dificuldades e limitações que prevaleciam em relação ao sonho de publicar seu livro e de ter a sua arte reconhecida e legitimada. Como podemos observar no diário, os longos espaços entre as datas, situações em que inicia a narração, mas não finaliza, são fragmentações na linearidade da narrativa que criam imagens em torno de seu maior obstáculo que foi a fome.

Um dos conceitos do paradigma afrocêntrico apresentados por Asante (2009, p.94) é o de agência, esse está alinhado com o protagonismo dos povos africanos e a sua capacidade de desempenhar ações para a liberdade humana e a transformação da sociedade. Deve ser defendido o lugar do africano como agente em todas as esferas da sociedade em termos econômicos, culturais, políticos e sociais. Os indivíduos podem ser agentes fortes ou agentes fracos, mas a falta total dessa agência se configura em condição de marginalidade, seja em condições de vida ou em relação a sua própria história.

Carolina de Jesus está à margem dos espaços de poder. No entanto, ela confronta esse lugar e busca por agência, apesar das limitações que lhe impunha o seu contexto socioeconômico, pois atua como sujeito político e considera a sua arte como um espaço para denúncia:

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil? [...]

[...] Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados [sic]. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade.

[...] A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. (De Jesus, 2014, p. 33; 38-39)

A escritora apresenta uma visão subjetiva da imagem dos políticos, como eles atuam em período de campanha e como esse comportamento se modifica após as eleições. Essa observação crítica é possível, pois ela se articula com esses membros de alguma forma ao frequentar as instituições, observar e marcar os fatos. É constante o descontentamento da escritora em relação à situação dos pobres e a condição de vida na favela. Quando observa os mecanismos de manipulação dos políticos e a constante miséria e opressão dos economicamente e socialmente desfavorecidos, sabe que não pode mudar nem a sua própria realidade.

[...] Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.

[...] Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatorio [sic], porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. **E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo.** (De Jesus, 2014, p. 39; 53, Grifos nossos)

No entanto, busca brechas, um espaço de luta e resistência, assim através da arte pensa e age de encontro aos seus anseios por libertação. As desigualdades sociais e o racismo estrutural deixam para pessoas como ela apenas a possibilidade da marginalidade, mas ela resiste, em suas ações do dia a dia e, também, através da escrita.

Os “poetas do lixo”, “os idealistas da favela”, são aqueles que, assim como Carolina de Jesus, vivenciam as situações e não estão apenas observando de fora. A

expressão “do lixo” nesse contexto tem a mesma carga semântica de “de despejo”, pois esses poetas são narradores descentrados “do salão”, “da sala de estar”, ou seja, dos espaços de poder, dos campos da história social e da historiografia literária.

Passei uma noite horrível [sic]. Sonhei que eu residia numa casa residível [sic], tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário [sic] de minha filha Vera Eunice. [...]. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio [sic]. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha.

... Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país [sic] dos políticos açambarcadores. (De Jesus, 2014, p. 39)

Sonhar com comida para Carolina configurava-se em algo terrível, pois tornava ainda mais dura a sua realidade. O sonho está em torno de uma situação real e comum, sentar-se à mesa para uma refeição, mas nesse contexto o ato possui uma característica insólita. Imediatamente ao se deparar com o sonho que resolve a sua fome e a fome real, mais uma vez Carolina de Jesus faz o movimento de analisar a situação do ponto de vista político e social, e o seu discurso também propõe uma práxis, ou seja, as pessoas em vulnerabilidade devem se organizar de forma coletiva contra as desigualdades e arbitrariedades. Em uma passagem específica, ao falar sobre a fome, a escritora faz uma analogia com a escravatura:

Hoje amanheceu chovendo. **É um dia simpático para mim.** É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

... Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz. [...] **E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual a fome!** (De Jesus, 2014, p. 30, Grifos nossos)

Muito do que Carolina de Jesus aprendeu, na infância⁶, sobre o processo de escravização, abolição e situação dos negros foi através de seu avô, ex-escravo e

⁶ Diário de Bitita, livro publicado postumamente no Brasil, em 1986, aborda sobre a infância, a adolescência e parte da vida adulta de Carolina de Jesus. Nessa obra, a escritora fala sobre a sua vida antes de migrar para São Paulo.

rezador, e do oficial de justiça Manoel de Nogueira, dois homens negros. Com o avô Carolina de Jesus escutava os horrores da escravidão e, com o oficial de justiça, escutava artigos do jornal O Estado de São Paulo falando sobre abolicionistas e outros assuntos. Através dessas histórias e de leituras posteriores Carolina de Jesus formou o seu pensamento crítico e cultural.

O dia ser simpático para ela tem uma ligação afetiva com o seu avô e a sua importância para o grupo. Carolina de Jesus ficava vaidosa e se sentia importante com o fato de seu avô saber rezar o terço e, por isso, ser tratado de uma forma especial. Há aqui uma valorização cultural da memória e da ancestralidade africana, dos cultos, da importância dos mais velhos, e dos conhecimentos que são passados para as próximas gerações. É essencial para a agência dos negros, a recuperação das crenças, valores, aspectos culturais e estéticos, de seu grupo étnico de origem. Além disso, há uma ligação afetiva e de resistência com a história dos negros em diáspora que foram submetidos à escravização.

Carolina de Jesus quer nos dizer que está falando do passado e do presente, pois “a escravatura atual é a fome”, e assim como seus ancestrais lutaram pela vida e por liberdade, ela trava uma luta contra as consequências da escravidão. No Brasil há o mito da democracia racial e a negação da supremacia branca, porém a escritora deixa subentendido que estamos em outro estágio de dominação, acorrentados de outras formas.

Nesse trecho existe uma aceitação implícita de que não existe mais uma opressão racial, a condição do branco enquanto superior, definidor do bem-estar e do modo como os negros podem viver. Essa aceitação da lógica eurocêntrica vai de encontro a questão da retomada do lugar psicológico dos negros, esse lugar foi depreciado pelo eurocentrismo. Os negros diaspóricos passaram pelo processo de colonização, foram séculos de imposição da história e cultura europeia e do branco enquanto superior, como agente da “civilização”.

Carolina de Jesus destaca também que a sociedade não é mais escravista, o que também podemos contestar ou não afirmar, no entanto ainda existe o desprezo, as violências físicas e simbólicas, a negação da existência, os estereótipos e as representações negativas, ou seja, o racismo.

A escritora articula todos os elementos de vida de seus ancestrais, de sua própria vida, da história e cultura africana e brasileira, das leituras e contextualiza-as de uma nova forma:

... Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:

- Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

- Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.

Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distantes do povo. Eu cançava (sic) e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar (sic). Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe:

- O arco-íris foge de mim.

... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (De Jesus, 2004, p.53)

A linguagem metafórica desse trecho traz comparações entre memórias e anseios da Carolina menina e reflexões e necessidades da Carolina mulher. Quando criança, acreditava que precisaria ser homem para lutar pelo Brasil, pois eram sempre as figuras masculinas que figuravam nos papéis de luta e liderança.

A Carolina mulher sabe que pode lutar pelo seu povo, não precisa ser homem, assim convoca os demais marginalizados a não desistirem da luta por melhores condições de vida para aquele momento e para as próximas gerações, pois a história do povo negro no Brasil é de resistência. Os descendentes de negros escravizados por três séculos no Brasil, confrontam-se, assim como seus antepassados, com inúmeras práticas de desumanização e extermínio.

É extremamente importante o fato de a afrocentricidade pensar a diáspora, como afirmam Fernando e Reis (2018), pois assim ficam visíveis todas as situações problemáticas que o povo negro enfrenta, inclusive no que tange à constituição da identidade étnica. Mesmo Carolina possuindo uma visão afrocentrada, em algumas situações demonstra que os sujeitos possuem questões contraditórias ou não-resolvidas.

A fome, repetidas inúmeras vezes em seu relato, fazia-a pensar em suicídio, lamentar a condição do pobre, indignar-se com a postura dos governantes. A fome física atormenta o seu dia-a-dia e a fome existencial de sentir-se constantemente em um não-lugar. É como se não existisse um espaço para ela, na cidade não existia este lugar, pois as estruturas sociais definiram que o seu lugar é o “*quarto de despejo*”, mas neste também não existe um espaço, já que a escritora desprezava as condições de vida na favela. Diante disso, ela busca resolver essa ausência através da literatura:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não poder passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. **Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal.** (De Jesus, 2014, p. 49, Grifo nosso)

Carolina de Jesus marca fortemente que não pode desistir de seu ideal de escrever, uma escrita de si, mas que mostra a sua comoção diante do sofrimento dos demais marginalizados. O casamento e a estrutura dessa relação em uma sociedade patriarcal contrapõem-se ao ideal da escritora, e esse ideal está relacionado com a importância de ser livre.

Essas ideias por liberdade devem ter surgido a partir do momento em que conheceu as histórias sobre a escravidão, principalmente por ter sido, além das leituras, através de uma pessoa com quem ela tinha uma ligação familiar, afetiva e de respeito. Seu avô narrou as histórias enquanto um ex-escravo, esse testemunho possivelmente despertou em Carolina de Jesus o ímpeto pela escrita de sua história, que fala também sobre o outro, denuncia e critica as estruturas sociais e políticas da sociedade.

A recusa da agência de Carolina de Jesus, motivada pelo racismo estrutural, também se estendeu à sua arte. Mesmo que tenham sido superadas as teorias dos determinismos biológicos e geográficos como determinantes da diversidade cultural, são insistentes as práticas que observam negros como se fossem inferiores biologicamente:

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me [sic]:
- **É pena você ser preta.**

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. [...] Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

- Um dia, um branco disse-me:

- Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (De Jesus, 2014, p. 65, Grifo nosso)

Um dos significados para a palavra pena em contextos de interações humanas, é o ato de ter caridade, compaixão por alguém que está com sua dignidade violada ou que está passando por situações de complexa dificuldade. O interlocutor considera que as produções da escritora são de qualidade, mas não atribui a pena ao fato de Carolina de Jesus passar fome, não ter concluído os estudos ou viver na favela. Relaciona este sentimento de pena exclusivamente a cor de sua pele.

Nesse caso, as observações da escritora sobre essa atitude racista são narradas de uma forma que demonstra não ter internalizado totalmente as questões impostas pela supremacia branca. Em contraponto a uma visão negativa sobre a sua cor, ela valoriza e autoafirma as características da estética corporal dos negros apontando que gosta da sua pele negra e do seu cabelo, apesar do termo rústico.

Na verdade, não caberia uma crítica, nesse caso em específico, já que a tentativa de desconstrução dos termos de cunho racista na linguagem está ocorrendo ao longo dos anos e isso ganhou mais força em um período posterior ao de escrita dos diários. Carolina de Jesus questiona, deixando claro que existe algo, que não é biológico ou natural que determinou uma superioridade branca e que os faz negar a presença do negro em espaços para além da marginalidade.

De uma escala menor para uma escala maior de observação, ou seja, infância em Sacramento - MG, favela do Canindé, São Paulo, Brasil, negros em diáspora, os relatos em *Quarto de despejo* não foram apenas uma válvula de escape para a fome, amarguras da vida ou para condenar as atitudes de políticos e vizinhos. Escrever era o ideal de Carolina de Jesus e esse propósito faz parte da construção de sua consciência e de seus posicionamentos enquanto sujeito, mulher negra e mãe, que pensa a sociedade, a política e a arte de forma singular e afrocentrada.

Dentre as características mínimas que foram apresentadas para um projeto afrocêntrico, Asante (2009, p.97) fala sobre o compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito em toda e qualquer circunstância. Em *Quarto de Despejo* estão escancarados diversos tipos de violência e exclusão que os pobres, e em sua maioria negros, viviam e vivem nas favelas do Brasil na perspectiva dos pensamentos e ações de uma mulher negra em condições de miserabilidade. A publicação do livro de Carolina de Jesus representa a resistência da mesma, por ter tido a sua escrita inviabilizada, e antes disso, porque essa escrita foi produzida em meio à fome física e a fome existencial.

5. CONCLUSÕES

Para iniciar as considerações finais deste artigo, retoma-se que a afrocentricidade é um pensamento, uma prática, uma perspectiva que não pretende consolidar um outro paradigma de superioridade em contraponto ao etnocentrismo. O que esse conceito pretende é descortinar como o etnocentrismo impossibilitou a agência dos africanos no continente e na diáspora. E a partir disso, adotar práticas interessadas e empenhadas com a localização psicológica e com agência dos negros em todo o mundo.

Este artigo teve como objetivo principal a análise sobre a visão afrocentrada de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960). Carolina de Jesus possui uma escrita afrocêntrica, pois para além de ser negra, ela está conscientemente conectada com os elementos culturais de África e com o histórico de resistência de seus ancestrais.

As marcas afrocêntricas estão presentes em sua escrita de si. A sua riqueza cultural e de pensamento crítico está em torno de três questões principais: seu posicionamento político-ideológico, suas ideias de liberdade e o trato com a arte de forma crítica, comprometida e interessada. A escritora tem consciência de que é uma narradora que está na margem, está descentrada, pois ela vivencia as dores, as desigualdades e as violências simbólicas que denuncia em seus diários.

A sua principal via de resistência é não desistir de seu ideal de escrever mesmo em condições de extrema pobreza material. Ela não admite nem se enquadrar em vínculos reconhecidos pela sociedade, como o casamento. Esses elementos

afrocentrados da escrita de Carolina de Jesus demonstram que ela é uma mulher negra que está em agência, atuando pelos seus próprios interesses que estão localizados na esfera da ideia afrocêntrica.

No processo de escrita deste artigo observou-se que é importante para esta pesquisa explorar o trabalho com a língua/linguagem que foi realizado por Carolina de Jesus, em relação à quebra entre as fronteiras vida/ficção e ampliá-la com as reflexões de Lélia Gonzalez sobre a africanização do Português falado no Brasil, o 'pretuguês'. Além disso, as questões discutidas podem ser estendidas para outras publicações da escritora, como por exemplo *Casa de Alvenaria*: diário de uma ex-favelada (1961) e *Diário de Bitita* (1986), isso proporcionará mais questões para reflexão no campo da afrocentricidade, da literatura negro-brasileira e de outras questões, por exemplo sobre todas as complexas demandas que estão envolvidas em relação à construção de sua identidade. Discussões também sobre o porquê que esses livros não tiveram a mesma recepção de *Quarto de Despejo* e, conseqüentemente, os motivos que levaram Carolina de Jesus ao esquecimento do público na época de seu falecimento.

Mas, foi importante iniciar essa pesquisa a partir de *Quarto de Despejo*, pois foi a primeira publicação da escritora. E o que *Quarto de despejo* desperta é mesmo esse desejo de ler as outras obras, de entender a partir da perspectiva da escritora a sua trajetória. E essas publicações possuem outras linguagens, outros momentos de vida, que podem não ser tão fragmentados e atormentados pela fome, mas não são menos afrocentrados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira; REIS, Maurício de Novais. Afrocentricidade: Identidade e centralidade africana. **Odeere**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Jequié, v.3, n. 6, p.102-119, jul./dez., 2018.

FINCH III, Charles S.; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Abordagem afrocentrada, história e evolução. In: **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas**, Milão, n. 2, p. 199-221, 2012.

_____. **Literatura, violência e melancolia**. Grupos de estudos de novas narrativas/GENN, 2013. Vídeo. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=NPBtZv_9ywl. Acesso em: 20 jan. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma. In: **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O olhar afrocentrado: introdução a uma abordagem polêmica. In: **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. _____. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SILVA, Luiz. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.